



Ildo Perondi

# O filho do pai pródigo

OKOS  
EDITORA

4ª edição  
E-book

# O filho do pai pródigo

Um conto baseado em  
algumas passagens  
do Evangelho de Lucas

Ildo Perondi

4ª edição  
E-book



São Leopoldo  
2020

© Ildo Perondi – 2020  
Av. Manoel Ribas, 966  
Mercês  
80810-000 Curitiba/PR  
Tel.: (43) 99944.8328 / (41) 3335.1606  
ildoper@gmail.com

Capa: Marcelo Garcia dos Santos

Editoração: Editora Oikos

Revisão: Carlos A. Dreher

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

P453f Perondi, Ildo

O filho do pai pródigo: um conto baseado em algumas passagens do Evangelho de Lucas / Ildo Perondi.  
– 4. ed. [e-book]. – São Leopoldo: Oikos, 2020.

76 p.; 15x21 cm.

ISBN 978-65-86578-15-7

1. Literatura brasileira religiosa. I. Título.

CDU 869.0(81)-97

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

*Ildo Perondi* é Frei Capuchinho, nascido em Romelândia/SC, com Mestrado em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma e Doutorado em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. É Professor de Sagradas Escrituras na PUCPR e em Cursos de Especialização em Teologia Bíblica na FAVI/INSECH. Assessoria cursos bíblicos para o CEBI, CEBs e Escolas Bíblicas.





# Sumário



Apresentação .....	7
1 No interior da Galileia .....	9
2 Tempo de crises .....	14
3 Deixando a casa do pai .....	22
4 Caído à beira do caminho de Jericó .....	25
5 Cuidando dos porcos em Gerasa .....	32
6 “Meu Deus, por que me abandonaste?” .....	37
7 Quando os demônios entram nos porcos .....	42
8 De volta à casa do pai .....	46
9 À beira do Lago de Genesaré .....	52
10 Páscoa: “passagem” .....	59
11 A caminho de Jerusalém .....	62
12 Partindo outra vez .....	71
Referências .....	75



## Apresentação



Este é um pequeno conto que tem por fio condutor a passagem conhecida como o Filho Pródigo e outros textos do Evangelho de Lucas. O texto de Lucas 15,11-32 é com certeza a mais famosa das parábolas de Jesus e, historicamente, recebeu o título de “filho pródigo”. Hoje, porém, tal título é considerado bastante impróprio, pois o ponto central é a prodigalidade do pai amoroso e não o desperdício de bens pelo filho mais novo. Portanto, é o pai acolhedor e bondoso que é pródigo, e não o filho esbanjador.

O objetivo é refletir de forma criativa também sobre outros textos evangélicos, adaptando a mensagem de Jesus aos personagens criados para essa finalidade, mas também apresentar os costumes, as tradições e o ambiente da época de Jesus, às vezes pouco conhecidos do leitor de hoje.

Já temos muitos e bons livros que explicam e interpretam as passagens dos evangelhos usando a linguagem reflexiva. Por isso, os temas são tratados em forma narrativa. É certo que os personagens são fictícios, e não se quer insinuar que os fatos todos aconteceram dessa maneira, mas eles passam pelos textos e pelos lugares bíblicos, procurando recriar o contexto em que os textos foram escritos.



Por isso, é necessário ler este livrinho com a Bíblia Sagrada na mão, mesmo que as passagens do Filho Pródigo, do Bom Samaritano, da expulsão dos demônios nos porcos, dos discípulos de Emaús e outras que aparecem, já sejam muito conhecidas.

Atualmente encontramos certas dificuldades para entender bem o ambiente do povo judaico da época de Jesus, suas tradições, sua mística e sua espiritualidade. Os evangelhos muitas vezes só apresentam os judeus e suas instituições em polêmica com Jesus. Então, torna-se necessário resgatar um pouco do lado bonito do povo simples que vivia no interior, relatando algumas de suas festas, suas expectativas e alguns dos seus costumes.

Todos nós, no entanto, temos um pouco desse filho dentro de nós. Por isso, mesmo que todos os personagens e a história estejam no ambiente de dois mil anos atrás, a mensagem é também para os dias de hoje, especialmente para as pessoas que querem conhecer Jesus e sua proposta. Mas, sobretudo, para as pessoas que hoje passam por dificuldades, que estão caídas à beira do caminho ou para aquelas que enfrentam a depressão e que andam em busca do caminho de retorno.

Voltar sempre é bonito! Porém, é preciso ter coragem para dar o primeiro passo e iniciar o retorno, colocando-se outra vez no caminho que nos leva de volta para casa. Porém, o mais importante, para nós que cremos, é saber que o nosso retorno tem como ponto de partida uma certeza: existe um Pai cheio de amor sempre nos esperando para nos acolher com muita alegria.

# 1 No interior da Galileia

.....

Quando cheguei do trabalho do campo, eram quase três horas da tarde. Era o sexto dia da semana. Fui até o curral. Aproximei-me de Ananias, um servo que trabalhava conosco. Ele cuidava dos animais e com muita dedicação estava tratando dos novilhos. Os dois animais ainda eram novos e muito bem cuidados. Todo o local revelava capricho.

– Belo trabalho, rapaz! – falei para Ananias.

– Faço com amor. Gosto de ver as coisas bonitas. Um trabalho bem feito agrada quem o olha, mas agrada muito mais quem o faz!

– Isso é verdade!

– Sabe o que eu penso? – Ananias parou e olhou para mim.  
– Cada pessoa deveria saber fazer bem uma coisa na vida. Já imaginou se todas as pessoas que vivem sobre a face da terra soubessem fazer bem uma tarefa? O mundo seria muito mais bonito!

As ideias de Ananias não eram assim tão sem sentido. Fiquei pensando: se todos fizessem bem as coisas. Se cada pessoa desta terra fizesse ao menos uma atividade bem feita, o mundo talvez fosse do gosto de Deus. O ruim é que alguns, em vez de fazer coisas bem feitas, praticam o mal.

Ali estavam os dois novilhos, um mais bonito que o outro.

Um tinha a cor preta, e o outro era o novilho vermelho. Qual dos dois seria o meu? Isso só meu pai é quem sabia. Era um segredo que ele não contava a ninguém. O fato é que os dois foram escolhidos com muito cuidado, e estavam reservados para as festas. Eu preferia o vermelho.

Lembro-me bem do dia em que ele nasceu. Foi um alvoroço grande na redondeza, pois o bezerrinho tinha a pele vermelha. Alguém espalhou a notícia de que havia nascido uma novilha vermelha. A curiosidade foi tanta que uns dias depois vieram alguns fariseus de Jerusalém confirmar o fato. Para tristeza de todo o povo, os enviados do Templo constataram que o pequeno animal tinha uma mancha branca numa perna. Além disso, era um novilho, macho, e não uma novilha<sup>1</sup>.

Havia entre nós uma antiga tradição que dizia que já haviam surgido sete novilhas vermelhas em Israel. Todas foram sacrificadas e oferecidas em holocausto ao nosso Deus. Os mestres nos ensinaram que a vinda da oitava novilha vermelha (*parah adumah*) seria o sinal tanto esperado: o Messias estaria chegando.

O fato é que o animal era macho e tinha aquela pequena mancha branca. A constatação oficial por parte das autoridades deixou também o pequeno animal em paz. Talvez fosse por esta razão que meu pai o destinou para a festa. Ele, o bezerrinho vermelho, junto com o outro bezerrinho preto, que nasceu alguns dias depois, começaram a receber um tratamento especial. Um deles seria meu.

---

1 Cf. Nm 19,1-11.

Fui para casa procurando adivinhar qual dos dois caberia a mim e pensando no trabalho realizado com amor pelo nosso servo Ananias. *Shabbat*, o sábado, dia de repouso, estava começando. O sol acabava de se pôr no horizonte e, como de costume, toda a nossa família já se recolhia antes que aparecessem as três primeiras estrelas no céu<sup>2</sup>. O sábado era um dia importante para nós, pois nos recordava como o Senhor nosso Deus havia descansado e contemplado toda a obra da Criação<sup>3</sup>. Nós também estávamos começando o nosso repouso depois de uma dura semana de trabalho. Todo o alimento que iríamos consumir nesse dia já havia sido preparado<sup>4</sup>.

– É belo estarmos reunidos neste dia, que é o dia mais importante de todos os dias! – disse meu pai.

Em seguida, nos saudamos com o *Shalôm*. Seguindo a tradição, minha mãe acendeu as duas velas. Depois, lavamos as nossas mãos. Meu pai era quem recitava o *Kiddush*, isto é, as orações de louvor e bênção. Primeiro ele rezou sobre o vinho:

– Bendito seja o Senhor que fez o fruto da videira!

Em seguida, abençoou também o pão:

– Bendito seja o Senhor que faz sair o alimento da terra!

E assim celebramos em nossa casa, porque este era o único dia da semana que tinha um nome: *Shabbat*. Era o dia sagrado

---

2 Para os hebreus, o novo dia começava quando já se podiam ver três estrelas no céu. Porém, como o sábado não podia ser profanado, era costume iniciar uma hora antes o respeito pelo dia santo.

3 Cf. Gn 2,1-2; Ex 20,8-11. No sábado, recordava-se e também se celebrava a libertação da escravidão no Egito (Cf. Dt 5,12-15).

4 Segundo as tradições hebraicas havia 39 tipos de trabalho que não se devia fazer em dia de sábado, inclusive cozinhar alimentos.

da semana e que, para nós hebreus, tinha sido um dom. Porque, assim como Deus, nós também tínhamos o direito de descansar e repousar. Louvamos a Deus porque nem todos os dias eram iguais. O sábado era especial; não era um dia mundano, era um dia santo.

De manhã, fomos à sinagoga, onde nos encontramos com nossos vizinhos. Participamos das orações e do estudo da *Torah*<sup>5</sup>. Este era um dia de recolhimento, de instrução religiosa e de regeneração moral.

Porém, um fato triste aconteceu neste dia. O bezerrinho vermelho caiu num buraco. Meu irmão mais velho, por nada no mundo, permitiu que o animal fosse retirado, para não profanar o dia santo. Eu, porém, via com dor o pobre animal morrer lentamente. Longe de nós violarmos o Santo Dia. No entanto, eu me perguntava: será que a vida do pobre animal não valia mais do que a Lei?

E assim a vida seguia seu ritmo. Quando o dia estava para terminar, outra vez em casa, estávamos em oração, lembrando que a vida retornava ao seu cotidiano.

Eu gostava dessa cerimônia. Nela líamos os textos bíblicos de Isaías 12,1-3, o Salmo 3,9, o texto de Ester 8,16 e o Salmo 116,13. Depois dessas leituras, louvamos a Deus pelas sensações da vida: o gosto, o olhar, o olfato, o ouvido, etc. Depois bebemos um copo de vinho; aspiramos aromas e acendemos uma vela com

---

<sup>5</sup> A *Torah* ou o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, era a Lei para os judeus. Mas além da *Torah* escrita, havia também a *Torah* oral.

vários pavios, indicando que a bênção devia trazer luzes para a vida. E, por fim, juntos cantamos para o profeta Elias, cuja vinda indicava que o Messias estava para chegar.

Eu podia ver os olhinhos de Raquel, minha irmã, que brilhavam neste momento. Ela tinha doze anos, e o sonho de todas as mocinhas era ser a mãe do Messias. Portanto, toda vez que se rezava pela chegada do Profeta, não era sem motivo que suscitasse uma esperança nelas.

Então nos desejamos uma boa semana, enquanto as velas eram apagadas no vinho. O sábado era assim um dia de festa, de alegria, de descanso e de celebração; um prelúdio da vida celeste...

## 2 Tempo de crises

.....

Mas, se o sábado era assim tão bonito e importante para a nossa vida, havia também um primeiro dia da semana. Este sim era um dia tão diferente daquele narrado na *Torah*! A rotina do trabalho recomeçava. Na casa de meu pai, tínhamos muito trabalho, porém reinava uma sensação de desânimo e de dor, pois o trabalho se tornava mais uma exploração do que um prazer.

Mesmo assim, trabalhar era algo agradável e que nos fazia bem. Nosso Deus também havia trabalhado e viu que toda a sua obra era boa (Gn 1,4.10.12.18.21.25.31).

Na semana anterior, Herodes Antipas, que era governador da Galileia, fez o mal aos olhos do Senhor nosso Deus! Fez tal como haviam feito seus antepassados<sup>6</sup>. Ele aumentou os impostos sobre os produtos agrícolas por ordem do Império Romano. A taxaço já era muito alta, e os pobres agricultores da Galileia sofriam, vendo que quase tudo o que produziam acabava nas mãos do Império Romano, nas de Herodes ou no Templo. O povo estava sendo muito explorado e, o pior, sentia-se desorganizado,

---

6 A expressão “*fez o mal aos olhos do Senhor*” é usada pela Bíblia, nos Livros dos Reis, para caracterizar os reis que fizeram o que não agradava ao Senhor, isto é, cometeram injustiças contra o povo e, sobretudo, não prestaram o verdadeiro culto ao Senhor (YHWH).

sem forças para reagir, sem meios para exigir seus direitos. Não havia lideranças que pudessem falar em nome de toda a multidão de explorados.

– Este povo está mais disperso do que ovelhas quando perdem o pastor – ouvi meu pai dizer numa manhã, quando viu um grupo de pessoas caminhando pela estrada que passava à frente da nossa casa. Com certeza, iam à procura de trabalho.

Porém, o que mais doía em nosso coração era receber a visita dos publicanos. Se fossem os romanos que viessem aqui receber as taxas, poderíamos insultá-los. Mas, não. Era gente do nosso povo que vinha cobrar o que estávamos devendo ao Estado.

Certo que era preciso saber entender as coisas. Joel e Abias, os dois publicanos que vieram à nossa casa, não passavam de dois miseráveis. Não possuíam mais terras para trabalhar. Não encontravam trabalho para ganhar o pão de cada dia. Por isso, quando o velho Adoniram os convidou para que fizessem o trabalho de coleta de impostos, eles viram a oportunidade como uma bênção, ainda que fosse um trabalho impuro.

Adoniram, filho de Abda, foi contemplado com o direito de coleta de impostos na nossa região. Ele tinha se “vendido” aos romanos e a Herodes. Assim viveria em paz, não pagaria as taxas e ainda por cima ganharia a quarta parte de tudo o que ele arrecadava na região. Deveria somente zelar para que todos fizessem o contributo em dia. Além disso, todos comentavam que ele roubava muito dos pobres agricultores.

Ao vê-los ainda longe, meu irmão mais velho já nos foi advertindo:

– Lá vem gente impura!

Olhando para Joel e Abias, no início, também senti uma



indignação forte. Eram meus amigos, companheiros de infância com os quais íamos junto à sinagoga nos sábados. Com eles participamos de tantas festas da nossa comunidade. Recordei a última festa de casamento, quando juntos bebemos vinho, dançamos e cantamos de alegria.

Agora eles vinham cobrar os impostos e, pior do que isso, vieram avisar que, por ordem do império, as taxas haviam sido reajustadas. Nem bem sabiam como nos dar a informação. Eu olhava para eles e via que preferiam baixar os olhos para o chão. Por isso, os publicanos eram odiados por todos. Porque faziam esse trabalho sujo e porque assim se tornavam impuros, sujando suas vidas a serviço do império opressor, colaborando para amargar ainda mais a vida do nosso povo.

Pensando na situação constrangedora em que se encontravam, resolvi ter um pouco de misericórdia. Aproximei-me deles e fui saudá-los:

– *Boqer tov! Shalôm!*<sup>7</sup>

– *Boqer tov! Shalôm!*

Eu percebi que meu irmão mais velho não aprovou o meu gesto, mas decidi ir mais longe. Puxei conversa:

– Não aprovo o que vocês fazem, mas procuro entender... Bem, mesmo assim, aceitam um copo de vinho?

Aceitaram, mas não houve muita conversa, pois não tinham tempo a perder. Meu pai pagou as taxas devidas, e pouco depois eles partiram.

---

<sup>7</sup> Bom dia! Ou melhor, Boa manhã!, em hebraico. Também se poderia dizer *Erev tov!*: Boa tarde! Porém, a saudação mais usada ainda é o *Shalôm!*

– Não devia ter feito isso – advertiu meu irmão mais velho.  
– São publicanos!

– São uns pobres miseráveis, isso sim. Tenho pena deles!  
Fazem isso para sobreviver. Deus tenha piedade deles!

– Mas estão agindo contra a Lei de Deus.

A Lei de Deus! Ainda que meu pai tenha me ensinado toda a *Torah*, e que eu tenha aprendido a respeitar e honrar nosso Deus, tudo isso por um momento começou a me trazer um vazio. Nosso Deus! Veja em que situação Ele nos estava colocando...

Nós não éramos pobres. Tínhamos um vale bonito onde plantávamos oliveiras, colhíamos uvas e muito trigo, todo ano. Além disso, tínhamos nosso gado, cabras e ovelhas. Não conseguíamos dar conta de todo o trabalho. Então, por isso, na casa de meu pai, havia uma dezena de empregados. Eram todos hebreus da nossa região. Gente que no passado possuía terras, mas com a dura política de taxas acabara se endividando e perdera tudo. A lei do resgate<sup>8</sup> já não funcionava, e, uma vez perdidas as terras, estas passavam às mãos dos ricos proprietários que já possuíam muitas áreas; ou, então, as terras iam parar nas mãos dos chefes dos sacerdotes de Jerusalém e dos membros do Sinédrio. Estes se tornavam os novos proprietários. Para eles, a terra tinha valor. Mas nunca sujavam as mãos na terra. Arrendavam os campos ao povo da nossa região. O povo trabalhava muito, mas depois de pagar o arrendamento e os impostos, pouco sobrava para poder viver. Esta era ainda a principal fonte de renda na nossa região. Por isso, nosso povo

---

8 Cf. Lv 25,23-34.

estava cada vez mais pobre, mais doente... Muitos já nem podiam mais ir a Jerusalém para as festas, e até mesmo as festas de casamento da nossa redondeza não tinham mais alegria.

– Vivemos tempos duros! – costumava dizer meu velho pai.

Nessa noite, não fui dormir no horário de costume. Fiquei sentado lá fora, olhando para a lua no céu. Havia também algumas estrelas. Como fazia um tempo bonito, podiam-se ver as ondulações do vale onde ficavam as nossas plantações e nossos campos. Meu pai aproximou-se, como se estivesse lendo meus pensamentos.

– Em que está pensando, meu filho?

– Na vida... Na nossa história... Nesta terra para qual o Senhor nos trouxe e onde vivemos...

– E o que o preocupa?

– Tenho a impressão de que tudo isso é uma grande mentira, que estamos sendo enganados por aqueles que nos governam, enganados pelos nossos líderes religiosos. Mas... o pior é que nos últimos dias sinto assim uma ideia terrível, muito estranha...

– Que ideia, meu filho?

– Olhando para este vale, esta terra..., recordando a nossa história..., olhando o presente..., na minha mente vem uma ideia maldita: estamos sendo enganados também por Deus.

– Não tenha pensamentos assim, filho meu!

– Tantos anos de luta, de sonhos, de esperanças e promessas que não se realizam. Esta é a nossa história.

– Mas você não pode culpar Deus. Ele nos encontrou escravos no Egito. Agiu com mão forte e nos tirou do jugo da opressão. Conduziu o povo pelo deserto e aqui nos plantou como uma vinha. É certo que se aconteceram fatos tristes foi muito

mais por culpa do povo que se desviou do projeto de Deus. Foi culpa dos nossos governantes que não foram fiéis.

– Gostaria de pensar assim também. O fato é que quanto mais trabalhamos menos sobra para nós, mais vai para o império opressor. A cada dia mais gente vai perdendo a terra. Aqueles que moram em Jerusalém possuem a terra e detêm também o poder. Eles são os nossos dirigentes e cada vez se comprometem mais com os romanos.

– Você não pode pensar só na questão econômica e política!

– Sim, mas, quando penso em Deus, Ele me parece cada vez mais longe, cada vez menos preocupado com o que se passa conosco. Deus mora em Jerusalém, no Templo. Deve ter se esquecido da gente pobre daqui da Galileia. Os chefes dos sacerdotes estão preocupados com a Lei e nos acusam de que somos *am haarets* (o povo ignorante da terra) que não cumpre a Lei<sup>9</sup>.

– A propósito, seu irmão mais velho subirá a Jerusalém para a Festa das Tendias. Você irá também?

– Não...

– Por que não vai? Um bom judeu vai três vezes por ano ao Templo<sup>10</sup>.

– Templo, ofertas, festas... Festas que não me dizem mais nada. A situação econômica é tão triste que até as nossas festas não têm mais vida. Na última vez em que estive no Templo, não vi alegria, não senti Deus. Os romanos estão por toda parte

---

9 Cf. Jo 7,47.

10 Cf. Dt 16,16: “Três vezes ao ano todo varão deverá comparecer diante do Senhor, seu Deus, no lugar que ele houver escolhido: na festa dos Ázimos, na festa das Semanas e na festa das Tendias”.

e contam com o apoio do Sinédrio e dos chefes dos sacerdotes.

– De fato, vivemos tempos difíceis...

– Ouvi dizer que Selum e Hulda se casaram, mas nem puderam fazer festa. A carestia é tão forte, que nem mesmo os casamentos se podem mais festejar! Onde está Deus, meu pai?

Um longo silêncio cobriu aquela noite. Um vento suave soprava, vindo da direção do lago de Genesaré. Lembrei também que já fazia um bom tempo que eu não pescava mais. Se eu fosse para a beira do lago, encontraria meus companheiros, pegaríamos alguns peixes, contaríamos histórias. A pescaria era sempre um bom momento para animar a vida, alimentar a esperança.

Depois de algum tempo, tive a impressão de que meu pai soluçava. Talvez eu tivesse sido injusto com ele. Mas, no fundo, era isso mesmo que eu pensava.

– Os profetas anunciaram que virá o Messias. Eu creio que os tempos estão próximos... Sinta, meu filho, este vento que sopra, esta brisa suave sobre os campos de dor e sofrimento. Não seria um sinal de que o Messias está para chegar?

– Mas o que faria o Messias vindo ao mundo? O que esperar dele? O que faria para este povo pobre e explorado da Galileia?

– Talvez ele anunciasse um ano jubilar<sup>11</sup>.

– Talvez...

– Ainda há estrelas no céu. Ainda há um vento que sopra. Portanto, meu filho, não se deixe levar por maus pensamentos. Seja forte e corajoso. Deus nunca abandona seu povo.

---

11 Cf. Lv 25,8ss.

– Mas falta-me a alegria, faltam-me as festas, não estou vivendo a beleza da minha juventude.

Durante a noite, sonhei que estava numa festa muito bela. Dancei a noite toda. Todos os rapazes e todas as moças da nossa região estavam presentes. Tomamos vinho, comemos, dançamos... Parecia não haver crise, governo, impostos. A vida era só alegria e festa. A vida era bonita.

Mas foi um sonho. Acordei triste. De manhã cedo, veio visitar-nos Nabot, nosso vizinho. Esperava encontrar trabalho na casa de meu pai. Como não conseguira pagar as taxas, teve as suas terras confiscadas.

– Eu imploro, faço qualquer trabalho... Preciso do pão de cada dia e tenho lá minha família, meus filhos.

Meu pai não sabia mais o que fazer. Ele não podia empregar todos os que perdiam as terras. Mas seu coração se partia de dor, só em ver mais um pai de família indo ao desespero em busca da sobrevivência. Vivíamos tempos de crise, tempo de carestia na Terra Prometida. O povo trabalhava muito, empobrecia, perdia suas terras.

Um povo explorado, abandonado pelas lideranças. O povo estava desorganizado e, por isso, se tornava presa fácil do sistema explorador. Pobre povo, como ovelhas sem pastor! Povo que habitava uma terra dada por Deus. Terra para onde Deus havia conduzido nossos pais e nossas mães da fé. Terra abençoada, onde corria leite e mel... Mas eu sentia que ali também corria o suor do povo trabalhador; corria a dor que vinha do coração da nossa gente; corriam as lágrimas sofridas de quem já não tinha o que comer; corria também o sangue derramado pela violência do império opressor que nos massacrava.

### 3 Deixando a casa do pai

---

Na verdade, eu não sabia se estava feliz ou triste, mas parti. Caminhar em direção ao mundo que me esperava era algo lindo e perturbador ao mesmo tempo. Sentia a liberdade. Estava realizando o sonho de ir em busca do meu destino, ser dono da minha vida, procurando festas, alegrias, novidades... Era como se eu estivesse fugindo de toda a opressão do império, fugindo do rigor da Lei e de tudo o que me amarrava.

Mas havia também dor dentro do meu peito. Deixava atrás de mim a casa onde nasci, deixava meu pai, minha mãe... Foi duro o momento em que decidi que ia embora. Fui até meu velho pai e pedi o que era meu:

– Vou-me embora... Quero recomeçar a minha vida em outro lugar.

– E vai deixar seu pai e sua mãe? Vai deixar a sua casa?

– Meu irmão mais velho está aqui e cuidará bem de vocês.

– Isso sim. Mas você é meu filho, e lhe quero bem! É tanto o bem que eu lhe quero que não posso ir contra sua liberdade! Mas...

– O que é, meu pai?

– Dói, meu filho! Não quero ver você partir. Pegue o que é seu e saia antes que venha o sol. Assim me poupará de um sofrimento pelo qual não quero passar.

Meu último olhar para a casa e para o vale foi um olhar de despedida. Nunca mais iria voltar. Estava decidido. Ia para Jerusalém e depois tentaria a vida numa das grandes cidades do império: Damasco, Alexandria, Éfeso, Roma... Sim, Roma, apesar de ser a sede do império, era o sonho de todo jovem. Eu tinha dinheiro para viajar e festejar e começar algum projeto somente meu.

Mas o que eu mais queria era festejar, fazer algo proibido, divertir-me, fazer coisas que eu nunca havia feito na minha vida. Girei pela Cidade Santa por alguns dias e pude gozar da alegria de me sentir livre, de conhecer pessoas novas. Ao mesmo tempo, informei-me sobre algumas coisas que pensava fazer nos dias seguintes.

Nos arredores de Jerusalém, havia uma casa de festas. Sabíamos que tinha uma fama não louvável, por isso, um jovem de família da nossa região nunca frequentava tais lugares. Mas agora eu era livre, era dono da minha vida. Podia ir para onde eu quisesse e não deveria prestar contas a ninguém.

Chegando lá, a primeira coisa que pensei foi em beber, comer, gastar... O velho que me recebeu foi atencioso, ofereceu-me do bom e do melhor, sobretudo ao ver que eu tinha dinheiro para pagar. Quando a bebida subiu à minha cabeça, vi que a porta dos fundos estava aberta. Uma moça bonita me convidava. Não pensei duas vezes. Nos braços dela, deliciei-me, desfrutei do prazer da vida livre.

Porém, depois de ter possuído a moça, algo estranho mexeu dentro de mim. Vi que ela também era uma hebreia. Tentei manter uma conversa, mas ela não queria falar sobre o assunto.

– Mas você também é hebreu. Então, por que veio aqui?



– Estou gozando a minha liberdade, aproveitando a minha juventude, como você faz.

– No meu caso é diferente...

– Então, por que está aqui?

– Porque fui vendida como escrava para pagar dívidas. Tenho vergonha do que faço. Mas não fui eu que escolhi esta vida.

– Desculpe... Mas você não sonha sair daqui?

– Sonhar? Já tive belos sonhos...

– Por exemplo?

– Aquilo que as meninas da nossa região sonham: ser a mãe do Messias. E veja onde estou! Onde vocês me colocaram.

– Desculpe... Vou indo... *Shalôm!*

– Você me pagou, mas sabe que não estamos saldos. E por isso não lhe posso retribuir a saudação.

## 4 Caído à beira do caminho de Jericó

.....

Acordei e não conseguia compreender onde estava. Sentia meu corpo todo dolorido. Passei a mão pela cabeça, sentia fortes dores e percebi que havia sinais de sangue. Todo meu corpo doía, as chagas estavam por vários lados. Fiz um esforço e procurei reordenar meus pensamentos. Mas as dores eram tantas! O sangue escorria da ferida que tinha na cabeça. O dia estava clareando, e o sol surgia por entre os montes. Aos poucos, comecei a me localizar e minha mente foi voltando ao normal. Estava ali, caído à beira do caminho, onde fui jogado não sei por quem. Estava sem o manto... Coloquei a mão no bolso e me desesperei:

– Meu Deus, onde está o meu dinheiro? Oh! não, não, não!

Comecei a chorar, de dor e de raiva. Todo o dinheiro que eu tinha fora roubado! E agora estava aqui sofrendo, meu corpo todo em chagas, como Jó. E não havia ninguém nesse caminho deserto a quem eu pudesse pedir ajuda.

Percebi então um movimento e vi uma pessoa que caminhava. Enfim, alguém que poderia me ajudar... Era um sacerdote. Ao ver-me, fez questão de não dar ouvidos aos meus pedidos. Com certeza, ele vinha do Templo de Jerusalém, retornando para casa depois de ter cumprido a sua função sagrada durante a noite. Deve ter visto o sangue que escorria das minhas chagas, por isso não quis parar. Se ele me tocasse, ficaria impuro

e não poderia mais exercer o seu ministério no Templo, antes de se purificar. Murmurou algo, talvez dissesse que rezaria por mim. Porém, nesse momento, eu não necessitava das suas orações, mas de sua ajuda. E passou rapidamente ao meu lado, seguindo o seu caminho...

Que situação miserável! Por mais que eu procurasse, não conseguia ainda entender tudo o que podia ter acontecido para que eu estivesse ali. Continuei a buscar na minha memória o que poderia ter ocorrido na noite anterior. Havia conhecido dois novos amigos. Sim, pareciam ser muito bons. Estavam felizes e queriam fazer festa como eu, queriam gozar da liberdade. Depois me convidaram e fomos à tal casa para beber. Fizemos festa, dançamos com as mulheres...

Senti novamente o rumor de gente que caminhava. Mais uma pessoa vinha seguindo a passos largos. Era um levita; era também uma esperança de receber auxílio:

– Socorro! Pelo amor de Deus! Fui assaltado e espancado. Preciso de ajuda...

O levita, erguendo os olhos em minha direção, me viu. Porém... imediatamente desviou o olhar e passou pelo outro lado. Também ele seguramente descia de Jerusalém. Ajudara nas funções sagradas e, se tocasse em mim, se tornaria impuro... também como o sacerdote. E deixou-me caído.

Banhado em lágrimas, e já não suportando tanta dor, procurei lembrar-me do motivo, a causa de ter caído assim...

Estranhas essas pessoas que servem a Deus!... Devem manter-se puras, não podem contaminar-se. Do contrário, não poderiam ficar diante de Deus e oferecer sacrifícios e holocaustos. Nosso Deus era um Deus zeloso. Mas que mal haveria em me

ajudar e fazer o bem? Será que Deus era mesmo assim? Mas poderia alguém amar a Deus tanto assim a tal ponto de deixar um irmão abandonado à beira do caminho, justamente no momento em que mais necessitava de auxílio? Que amor era esse? Certo que a Escritura diz que devemos amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa força<sup>12</sup>. Mas a Escritura diz também que devemos amar o próximo como a nós mesmos<sup>13</sup>. Será que eu não poderia ser o próximo desses servos de Deus?

Retomei os pensamentos para entender o que tinha acontecido. Depois de beber, jogamos. Sim, lembro-me de ter ganho muito dinheiro e de ter-me divertido muito. A sorte estava do meu lado. A noite ia alta, e as mulheres continuavam ao redor da mesa de jogo. Eu era o centro das atenções. Eu era o rei da noite, desejado e cobiçado por elas, mas invejado pelos demais homens... A memória ainda me fugia e não me recordava de mais nada. O que teria acontecido depois? Como foi que vim parar aqui?

Senti barulho novamente. Ergui a cabeça e pensei em pedir socorro. Oh! Não..., desta vez era um samaritano. Era inútil pedir ajuda a ele. Os samaritanos são impuros por natureza e odeiam a nós judeus; e mais: ele podia pensar que eu estivesse me dirigindo ao Templo. Seria inútil gritar.

Mas o homem parou o animal e desceu. Olhou para mim. Não falei, não gritei, não pedi ajuda. Com os olhos firmes, fixou meu rosto, viu meu corpo machucado e ferido. Não disse nada.

---

12 Cf. Dt 6,5.

13 Cf. Lv 19,18.

Tirou um pano da sua sacola. Abriu o cantil de água e começou a lavar minhas feridas, fazendo curativos. Depois pegou óleo e vinho e derramou sobre as chagas.

– O que foi que fizeram com você, meu irmão? Quem foi que fez isso?

– Não sei, não consigo me lembrar de nada. Acordei aqui neste estado. E ainda roubaram todo o meu dinheiro e meu manto. Mas, afinal, onde estou? Que lugar é este?

– Estamos perto de Jericó. É caminho de quem desce de Jerusalém. Você estava voltando do Templo? Com certeza, passou a noite em oração e, retornando, os ladrões pegaram você. Estas regiões são perigosas. São rotas comerciais. Não se deve andar por aqui à noite sem companhia.

Não respondi, mas refleti comigo mesmo:

– Se eu tivesse passado a noite em oração, estas coisas não me teriam acontecido.

O homem terminou os curativos, e senti um bom alívio. Mas estava enfraquecido e moralmente abatido. O homem preparou o jumento e com muito cuidado me colocou sobre ele, e partimos pelo caminho. Chegando a uma pensão, não muito longe dali, o homem foi conversar com o proprietário. Pouco depois, eu estava deitado em uma cama confortável. Durante todo o dia, ele ficou ao meu lado. Não fazia questão de que eu falasse e contasse minha história. Sabia que o esforço em falar poderia aumentar minhas dores. À noite, tive um sono profundo. Sonhei tantas coisas horríveis nesta noite longa. Enfim acordei e vi que já era um novo dia. Quando abri os olhos, percebi que, a meu lado, à beira da cama, ainda estava o homem.

– Espero que você esteja melhor.

– Sim. Não sei como lhe agradecer. Que o Senhor Deus de Misericórdia o abençoe!

– Irmão, vejo que você está melhorando mesmo. Agora posso continuar minha viagem.

Nisso entrou o proprietário da pensão. O bom samaritano entregou a ele duas moedas de prata<sup>14</sup>, recomendando que cuidasse bem de mim.

– Não importa o preço. Faça tudo o que este rapaz necessitar. Daqui a duas semanas, passarei por aqui novamente e pagarei o que for gasto a mais.

E partiu, desejando-me o *Shalôm*... Partiu sem deixar seu nome, sem deixar o endereço, sem dizer quem era. Partiu chamando-me de irmão. Partiu deixando somente aquele olhar misericordioso cheio de bondade. Partiu tendo sido o meu próximo. Partiu partilhando seu amor, partilhando seu dinheiro, partilhando seu tempo. Ele foi o próximo de que eu necessitava. Deus seguramente abençoaria uma pessoa assim. Realmente, pareceu-me um homem de Deus, alguém que sabia amar a Deus e amar o seu próximo, sem se importar em saber quem eu era.

Ele prestou sua ajuda tendo tocado em minhas feridas e no meu sangue. Nem por isso ficou impuro diante de Deus. Poderia continuar exercendo as suas atividades. Por que então será que as pessoas que trabalham para Deus não podem tocar em um doente, não podem tocar o sangue de um ferido? Será que Deus é assim tão estranho com as pessoas que servem em seu Templo?

Mas... Seria Deus assim, ou foram as pessoas que fizeram

---

14 O equivalente ao salário de dois dias de trabalho.

uma ideia de Deus assim? Que mal haveria se o sacerdote me tivesse socorrido e, no outro dia, retornasse ao Templo e junto com as ofertas oferecesse também minha dor, oferecesse o gesto bonito que tinha feito? Poderia apresentar-se com as mãos cheias diante de Deus<sup>15</sup>. Estranho esse modo de servir a Deus.

O samaritano não teve estes escrúpulos. A história deles é diferente da nossa. Desde a queda da Samaria, foram considerados impuros<sup>16</sup>. Quando a Assíria invadiu o Reino do Norte, em 722 a.C., e saqueou a cidade, levou embora, como exilados, os chefes do povo. A prática dos assírios era cruel. Dividiam para governar melhor. Quando dominavam um país, traziam gente estrangeira de vários lugares para se misturar com os povos locais. Assim o povo começava a brigar e se esquecia de quem era o verdadeiro opressor. Para a Samaria, trouxeram cinco povos diversos, e cada um deles cultuava o seu deus. O povo brigava entre si por causa desses cinco deuses e, além disso, havia o deus Baal, deus da fertilidade, trazido pelo rei Acab quando casou com uma mulher estrangeira, a Jezabel. Muitos ainda continuavam fiéis à fé dos antepassados e prestavam culto ao Senhor (YHWH), nosso Deus. Por isso, as autoridades judaicas consideravam que os samaritanos eram gente impura, gente que não cumpria a Lei<sup>17</sup>.

Mas a raiz do problema não era só essa. Quando o povo de Israel voltou do exílio da Babilônia, com muito sacrifício, reconstruiu o Templo e a cidade de Jerusalém. Os samaritanos

---

15 Cf. Dt 16,16: *Que ninguém se apresente de mãos vazias diante de Deus.*

16 Ver 2Rs 17,24-41; Jo 4,4ss.

17 As autoridades judaicas fomentavam o preconceito contra os samaritanos: quando queriam ofender um judeu, bastava chamá-lo de “samaritano” (cf. Jo 8,48).

não apoiaram esta volta e ainda por cima tentaram atrapalhar o projeto de reconstrução. Muitos anos depois, os israelitas destruíram o templo do Senhor (YHWH) em Garizim, na Samaria. Os conflitos entre judeus e samaritanos vinham de longe. Tanto assim que quando alguém da Galileia subia a Jerusalém para ir ao Templo, preferia fazer uma volta maior para não passar pelo território dos samaritanos, evitando contaminar-se e chegar impuro ao Templo.

Mas que religião estranha essa, na qual os ritos e as leis valiam mais do que as pessoas? Não foram as pessoas que cumpriam a Lei que tiveram misericórdia de mim<sup>18</sup>. Se fosse por elas, eu teria morrido aí, à beira do caminho. Um samaritano, impuro segundo a Lei, foi quem teve compaixão de mim. Ele se tornou o meu próximo no momento em que eu mais precisava de ajuda.

Tudo isso ajudava a aumentar a confusão que agora reinava em minha mente. Lembrei-me: estava pobre e sem a parte da herança recebida de meu pai. Dentro de mim, tudo era dor! Eu que havia decidido buscar a minha liberdade!... No dia seguinte, ia deixar a pensão. Teria que recomeçar vida nova.

---

18 Os judeus não consideravam os samaritanos como seu próximo, e havia até um ditado malicioso que dizia: *Aquele que come pão do samaritano come carne de porco.*



## 5 Cuidando dos porcos em Gerasa

.....

A solução que se apresentou no momento não era a melhor, mas era a única. Informaram-me que na pensão estava hospedado um homem grego. Passara por Jerusalém a negócios e agora se dirigia para o norte. Conversamos, e, quando soube que eu era da Galileia e que conhecia a região, ele se interessou. Estava indo para Gerasa, onde ia cuidar de uma criação de porcos.

Pensei um momento e, por fim, aceitei o convite. Não havia outra alternativa. Eu não tinha mais dinheiro. Voltar à casa do pai não me passava pela cabeça nesse instante. Primeiro, porque seria uma derrota; ainda mais, sentia vergonha de mim mesmo e de tudo o que eu tinha feito. Não gostaria de dar o triste desgosto a meu velho pai.

– Vamos partir ao clarear do dia – informou-me o senhor grego, antes de ir dormir.

De fato, partimos de manhã cedo. Eu estava disposto a trabalhar, recomeçar a vida outra vez. Ainda que o trabalho fosse o pior que se pudesse apresentar a um hebreu. Talvez fosse o começo, logo conseguiria ganhar algum dinheiro e tinha certeza de que uma nova oportunidade se apresentaria. O homem parecia-me muito bom, muito simpático, apesar de ser um profundo admirador dos romanos. Prometi a mim mesmo que não entraria em discussões políticas com ele. Ele seria o administrador de

um grande projeto: criação de milhares de porcos em Gerasa.

Eu iria criar porcos! Alguém poderia perguntar: por que este senhor estava se arriscando em investir tanto em um projeto ousado assim? Todos sabem que nós hebreus não comemos carne de porco. Nossa Lei considera o porco um animal impuro<sup>19</sup> porque, embora tenha a unha fendida, não ruma o bolo alimentar. Então, qual a finalidade de criar tantos porcos numa região vizinha ao território de Israel? Muito simples: na região estavam as tropas romanas. Os soldados, sim, comiam carne de porco. Não possuíam preconceitos e para eles o porco não era um animal impuro. As tropas romanas estavam por toda a região. Mas, no norte, devido às constantes revoltas dos zelotes, sua presença era maior. A região teve que pagar os tributos, e acrescentaram ainda a taxa de manutenção de tropas. Os soldados precisavam alimentar-se bem. Infelizmente eu teria que contribuir com o meu trabalho para o sustento do exército opressor, além de todos os tributos pagos.

A região era muito bonita, formada por vales e diversas montanhas. Nos primeiros dias, percebi que o trabalho não parecia ser dos piores, a não ser a dor de consciência de ter ficar perto dos porcos e lidar com eles. Procurava orar a meu Deus, pedir por sua misericórdia, enquanto prometia que, assim que pudesse, iria sair deste tipo de vida e buscar um trabalho mais digno.

---

<sup>19</sup> Quanto ao porco, que tem o casco fendido mas não ruma, vós o considerareis impuro. Não comereis da sua carne e nem tocareis em seus cadáveres (Dt 14,8; Cf. também Lv 11,7).

Uma tarde adiantei o serviço, consegui dar de comer aos porcos e pedi licença para andar um pouco. O grego, que continuava me parecendo muito bom e simpático, concedeu-me um momento de folga. Vi que o sol se punha lentamente no horizonte. Eu teria seguramente cerca de duas horas, antes que viesse a noite. Por isso, caminhei rápido por uma pequena estrada que devia conduzir a uma montanha. Talvez subindo lá, eu pudesse ver a região da Galileia.

Enquanto ia andando, vi um grande cemitério. Estranho! Como poderiam existir tantos mortos sepultados aqui? Muitas sepulturas eram novas, mal feitas; podia-se perceber que os corpos deviam ter sido enterrados às pressas. Movido por curiosidade, parei e entrei. Nenhuma alma viva!

Então vi que surgiu uma figura estranha. Um homem sujo, mal vestido veio em minha direção, gritando e uivando como se fosse um animal e mandando-me embora. Aparentava ser ainda jovem e estar possuído pelos demônios<sup>20</sup>. A minha presença parece que o enfureceu ainda mais, e, por isso, gritava alto:

– Vivam os romanos! Eu sou os romanos! Sou uma legião!

Percebi que era um hebreu. Estava desfigurado e parecia mesmo louco. Derrubou um tronco de uma árvore seca que estava perto; pegou pedras e as atirava longe; destruía o que estava perto dele.

– O poder está com os romanos! Eu sou os romanos! Comigo ninguém pode!

---

20 Cf. Lc 8,26ss.

Procurei não molestá-lo. Fiz de conta que estava indo embora. Pobre homem... possuído por toda aquela alienação! Mas talvez fosse algo ainda pior. O que teria acontecido com ele para que ficasse assim? (Tempos mais tarde é que soube que chegou em casa do trabalho e encontrou toda a família: pai, mãe e irmãos massacrados pelas tropas romanas. Daquele dia em diante, vinha ao cemitério, onde estavam enterrados os seus. Talvez para ter coragem de sobreviver, acabou incorporando a ideologia do império e seu poder).

– Vivam os romanos! Hoje matamos mais mil hebreus! Viva o mar!

O mar! Para nós hebreus, o mar tinha um sentido negativo. Para entrar na Terra Prometida, tivemos que superá-lo. Depois disso, o mar passou a ser sempre o símbolo do inimigo a ser vencido. Os romanos também chegam pelo mar em suas galeras. E dizemos que é no mar que habitam nossos adversários, os monstros.

Comecei também a entender o porquê da existência de um cemitério tão grande em uma região onde já não habitava tanta gente. Os cemitérios eram sinal da presença dos romanos na região. De fato, por aqui viviam também os zelotes, e frequentemente ocorriam conflitos.

– Vivam os romanos! Eu sou a legião romana! Eu sou o mar! – continuava gritando o pobre rapaz. – Eu sou Beelzebu e cuido dos mortos!

Decidi não continuar andando, como era meu projeto. Poderia encontrar os soldados e me dar mal. Por isso, resolvi retornar. No caminho de volta para o meu trabalho, foi o momento em que decidi ir embora. O meu Senhor não devia gostar desse

trabalho que eu estava fazendo, pois estava colaborando com os que matavam nosso povo, com o império que ocupava a Terra que o Senhor nos deu. Assim que recebesse o pagamento pelo meu trabalho, pegaria o dinheiro e iria embora para outro lugar. Esse não era meu lugar. Pensei em Ananias:

– Todas as pessoas deviam fazer ao menos uma coisa boa e bem feita na vida!

E eu, o que é que estava fazendo? Cuidando de porcos! Justamente os porcos que estavam alimentando as tropas que matavam o nosso povo! Eu poderia estar cuidando de outros animais, poderia cultivar os campos, cuidar de um jardim, tratar bem as plantas para que produzissem bons frutos... Afinal, o que eu estava fazendo para tornar este mundo mais bonito?

## 6 “Meu Deus, por que me abandonaste?”

.....

Para minha tristeza, no dia em que esperava receber o dinheiro, tive uma notícia muito ruim. O homem grego, que me parecia uma boa pessoa, chamou-me para fazer o acerto.

– Bem, somando o seu trabalho e descontando a comida, o alojamento, a roupa que eu lhe dei... Humm! Vejamos bem, você ainda fica me devendo...

– Não entendo... Trabalhei tanto...

– Certo, você é um bom trabalhador. Gosto muito de você. Mas estou sendo justo. Pago o seu trabalho, porém, tenho as despesas.

– Mas não me sobra nada?...

– Ah! não esqueça que ainda me deve as despesas da viagem que fiz com você.

– Essa não!...

À noite, tive um sonho pesado, ruim. Sonhei que estava passando fome e que comia a carne daqueles porcos. Malditos porcos! Bem que as Escrituras dizem que os porcos são impuros e que não devemos comer sua carne, pois isso é abominável aos olhos do Senhor, nosso Deus<sup>21</sup>. Além disso, eles serviam de alimento para

---

21 Cf. Is 65,4; 66,17. Comer carne de porco era considerado um pecado grave para os judeus (cf. 2Mc 6,18-20).

as tropas romanas. Alimentavam o sistema que matava nossa gente.

Nos dias seguintes, notei que a minha porção de comida diminuía. O homem insistia em que eu devia trabalhar mais. Aumentaram os porcos e, com isso, aumentou também o trabalho. Odiava aqueles porcos todos. Já não suportava o cheiro deles.

Passaram-se mais alguns meses, e eu não percebi nenhuma melhora na situação. Ao contrário, as porcas criaram, e novos porquinhos estavam aí para serem tratados. E aqueles leitõezinhos que eu começara a tratar, quando cheguei, agora já estavam quase prontos para serem carneados e comidos.

Notei que havia emagrecido. O trabalho aumentava, e a comida era pouca. Na região, não havia frutas, nem outros alimentos que me podiam saciar. Porém, no dia seguinte, não suportando mais, decidi começar a comer um pouco daquela ração que vinha para alimentar os porcos. O gosto era horrível. E o pior: comecei a sentir-me como se fosse um deles. Porém, depois de algum tempo, eu já estava um pouco mais forte fisicamente.

Aconteceu, porém, que um dia, quando eu estava um tanto desatento comendo a ração dos porcos, o senhor grego me pegou em flagrante:

– Ah! comendo a minha ração!? É por isso que os porcos não engordam! Muito bem! Vou descontar do seu salário! E se eu pegar você comendo mais uma vez a ração, vou entregá-lo aos romanos. E trate de cuidar bem desses porcos, porque na próxima semana devemos entregar a safra à legião.

Não dormi durante a noite. Os piores momentos da minha vida retornavam-me à mente. Recordei a noite em que estive na casa de má fama. A voz da moça ainda ressoava dentro de mim:

– Você me pagou, mas sabe que não estamos saldos. E por isso não lhe posso retribuir a saudação.

O dinheiro que compra as coisas e até as pessoas não compra tudo. Não comprava o *Shalôm* de que eu tanto precisava. *Não estamos saldos!*<sup>22</sup> – repetia a voz. Ela era uma pessoa explorada. Eu tinha dinheiro e poderia tê-la resgatado. Não quis. Pior que isso, eu não fui o seu próximo. Que direito tinha eu de criticar o sacerdote e o levita, se eu havia feito igual ou pior que eles? Ela também estava caída à beira do caminho, e eu não tivera compaixão dela!

Depois, perdi o dinheiro e perdi a paz também. Não estava em paz comigo mesmo. Sentia a falta do *Shalôm* e da harmonia dentro de mim.

Também não estava em paz e em harmonia com as pessoas: havia abandonado meu pai e minha família; havia prostituído uma mulher do nosso povo; havia perdido meus amigos e sentia-me mal com as pessoas com quem eu vivia agora.

Faltava-me a paz e a harmonia com a vida, com a natureza: não sentia mais o cantar dos pássaros, nem o vento suave a soprar e há tanto tempo eu não olhava mais o céu durante a noite.

Porém, o que mais me faltava era a paz e a harmonia com meu Deus. Eu não havia fugido somente da casa de meu pai; havia fugido dos braços de Deus. Há tempo que eu não rezava mais e já não tinha nem coragem de dirigir-me a Ele. Talvez fosse

---

22 A palavra *Shalôm* em hebraico é muito rica de significados. Em geral, é traduzida por “paz”, porém é muito mais do que isso. É restabelecer as relações rompidas, criar harmonia, mas, sobretudo, transmitir esta ideia de plenitude e de que tudo está saldado, que não se deve mais nada...



esta ausência do *Shalôm* dentro de mim que me impedia o sono nesta noite. Tentei chorar, mas as lágrimas não vinham; dentro de mim, parecia haver um deserto, uma ausência total de vida e de esperança.

– Meu Deus, o que foi que eu fiz da minha vida? Eu que tinha tudo na casa de meu pai! Veja a situação em que me encontro agora. Sou tratado pior do que os porcos! Estes porcos impuros e sujos que eu tenho que tratar. Porcos que vão alimentar a legião romana que vai massacrar ainda mais o meu povo. Eles se alimentam melhor do que eu!

Busquei Deus e não encontrei. Uma angústia forte cresceu dentro de mim:

– *Meu Deus, meu Deus, por que foi que me abandonaste?... Meu Deus, eu grito de dia, e não me respondes; de noite, e nunca tenho descanso...*<sup>23</sup>

Neste silêncio da noite, nada ouvia, a não ser a angústia que vinha de dentro de mim:

– Por que fizeste isso comigo, meu Deus?

Nem uma resposta, a não ser a dor do meu peito.

– Por que te calas? Por que não me respondes? Por quê? Por quê?

O silêncio da noite só foi quebrado por um galo que cantou. Sinal ruim<sup>24</sup>, pois isso me dizia também que já era madrugada. Nada mais. Meu Deus se calava, quando eu mais precisava de uma palavra sua...

---

23 Cf. Salmo 22.

24 *O galo era um ser misterioso. Por cantar nas horas mais estranhas da noite, julgavam que ele tivesse parceria com o demônio. Por esta razão era proibido criar galos em Jerusalém* (J. BORTOLINI. *Como ler o Evangelho de João*, p. 167).

– Que Deus és Tu? Onde estás? Onde estavas quando me deixaste cair?

Senti que as lágrimas corriam pelo meu rosto. Procurei me acalmar. Só faltava isso. Até com meu Deus eu estava brigando. Não foi Ele que me deixou. Fui eu que o abandonei; eu que me afastei dele. Igual ao nosso povo no passado, que foi tratado com amor e com carinho e foi atrás de outros deuses, eu também abandonei meu Deus, afastei-me dos seus mandamentos<sup>25</sup>.

Deixei que as lágrimas caíssem. Chorar me fazia bem. Enquanto soluçava, comecei a ter a impressão de que alguém estava ao meu lado. Não via ninguém, mas podia sentir. Não estava só...

– Perdão, meu Deus! Eu sei que fui eu que te abandonei. Tu estás aqui. Tu és meu escudo e proteção...

Como a águia que vela pelos seus filhotes, igual à mãe que cuida dos seus filhos, eu sentia que o Senhor estava ao meu lado e me protegia<sup>26</sup>. E então dormi em paz...

Acordei com os raios do sol. Este sol que brilhava e tudo iluminava aquecia também a minha fé e a certeza de que meu Deus não me havia abandonado. Então professei meu credo:

– *Shemá Israel, Adonai Elohenu, Adonai Ehad!* (*Escuta Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um/Único!*)<sup>27</sup>

---

25 No passado, “abandonar” e “afastar-se” eram os verbos usados pelos profetas para mostrar como o povo de Deus havia sido infiel, e por isso clamavam para que o povo “voltasse” e “retornasse” ao Deus que manteve sempre a promessa.

26 Cf. Dt 32,10-11.

27 O *Shemá* é a oração por excelência e ao mesmo tempo a profissão de fé do povo de Israel (cf. Dt 6,4) e compreende também Dt 11,13-21 e Nm 15,37-41 e as Dezoito Bênçãos. Em geral, um judeu recita o *Shemá* de manhã cedo e depois no final da tarde.

## 7 Quando os demônios entram nos porcos

.....

Dois dias depois, o senhor grego foi com uns romanos para combinar a entrega dos porcos. Pediu-me que eu cuidasse bem deles. Ele retornaria no dia seguinte. Quando dei a ração para eles, fiquei olhando como comiam animados e contentes:

– Isso mesmo, comam mais! Se soubessem que logo vocês todos vão morrer, seus miseráveis!

Os demais empregados estavam longe, realizando outras atividades. Olhando para aqueles porcos, comecei a pensar na minha vida. Que vida, meu Deus?! Onde fui cair? Eu que tinha tudo na casa de meu pai, estava agora aqui no fundo deste poço, onde parecia não haver mais saída. Chorei amargamente. Recitei um salmo de que eu gostava muito, meditei sobre suas frases e clamei a meu Deus: *Senhor, ouve a minha voz suplicante, quando eu grito a ti... Adonai, minha força e meu escudo... minha fortaleza!... Abençoa a tua herança! Apascenta e conduze-me para sempre!*<sup>28</sup>.

Estes momentos de sofrimento, quando estamos na pior situação possível, parecem ser os mais difíceis da vida. No entanto, olhando para a história passada do nosso povo, podia

---

28 Cf. Salmo 28.

ver que os momentos mais doloridos foram também aqueles em que nosso Deus esteve mais próximo de nós. No momento duro da opressão do Egito, lá estava nosso Deus, escutando os gritos do nosso povo. No momento de enfrentar o mar, esteve conosco o Senhor, Deus da Vida. Nas duras passagens pelo deserto, lá estava nosso Deus. Quando fomos exilados na Babilônia, nosso Deus foi nosso consolo. Alimentou nossa esperança de que um dia retornaríamos à nossa terra.

Portanto, eu devia tirar lições para minha vida. Este momento difícil que estava vivendo era também o momento em que sentia Deus mais próximo de mim, mesmo olhando para os últimos tempos da minha vida, em que me parecia ter sido abandonado por Ele. Refletindo melhor, vi que na verdade era eu quem o abandonara. Enquanto corriam as lágrimas pelo meu rosto, senti uma presença segura, bem ao meu lado, um coração materno que me acompanhava.

Logo, é errado pensar que os momentos difíceis sejam de todo negativos. Este era o momento no qual nada pior podia me acontecer. Daqui para frente, eu só podia crescer, andar adiante. Era deste fundo do poço que começava a me reerguer, a refazer a caminhada. De tudo isto, me restava uma certeza: Deus não me havia abandonado. Nesse momento, o pior da minha vida, tive a certeza de que Ele estava ao meu lado. Talvez não da maneira como eu quisesse, mas a seu modo. Se grande era meu sofrimento, maior era a graça de Deus. E isso me reconfortava. Naquele dia, eu decidi que cuidaria dos porcos. No dia seguinte, eles teriam o seu destino, e eu iria decidir também o rumo que daria à minha vida.

Olhei para as montanhas e percebi que soprava um vento vindo do norte. O sol estava para se pôr. De repente, senti algo estra-

nho no ar. Imediatamente a manada dos porcos começou a se agitar. Procurei contê-los, mas alguma coisa parecia ter entrado neles. Os porcos começaram a ficar furiosos, correndo em todas as direções, querendo brigar entre si. Era como se uns demônios tivessem entrado neles, e, então, começaram a enveredar todos juntos na direção oeste, justamente onde estavam acampados os romanos. Eram mais de dois mil porcos, enlouquecidos, em disparada, arrebentando as cercas e tudo o que encontravam pela frente!<sup>29</sup>

Por sorte consegui subir numa árvore para que não me pegassem também. Os demais empregados correram em minha direção:

– O que está acontecendo? Para onde estão indo os porcos?

– Como posso saber?

– E agora? O que vamos fazer? O patrão vai nos matar ou entregar-nos aos romanos! Você foi o culpado. O que você fez com eles?

– Eu? Não fiz nada. Deve ser um castigo de Deus ou coisa de Satanás!

O fato é que aproveitei que a noite vinha chegando e fugi, refugiando-me na montanha. Teria que ir embora o quanto antes. Se me pegassem, seria morto, com certeza.

Dormi em uma gruta que encontrei; parecia-me um lugar seguro. Quando clareou o dia, fui saindo, tomando o cuidado de não andar pelo caminho principal, para não ser preso.

Ia caminhando por um atalho e, de repente, levei um susto grande. Oh! Deus! O rapaz do cemitério!

---

29 Cf. Lucas 8,26-29, mas confira também as outras versões: Mc 5,1-20; Mt 8,28-34.

– *Shalôm*, irmão! – desejou-me ele.

– Você tem o demônio. É a legião dos romanos!

– Não, meu irmão, ontem eu fui libertado. Passou por aqui Jesus de Nazaré, que me curou. Todo o mal que eu tinha saiu de mim. Fui curado de verdade. Aquele homem vem de Deus.

– Mas o que você faz aqui? Por que não foi com ele?

– Eu queria ir, mas ele pediu-me que eu ficasse por aqui, porque aqui eu tenho uma missão importante para cumprir.

– Meu Deus, mas a que horas foi que você foi curado?

– Pouco antes do sol se pôr. Por quê?

– Irmão, acredite em mim pela misericórdia do nosso Deus! Mas é pura verdade. Irmão, eu estava cuidando dos porcos e, pouco antes do sol se pôr, aconteceu uma coisa estranha com os porcos. Saíram correndo feito loucos, endemoninhados.

– Eu sei. Lembra que um dia você veio me ver? Eu estava possuído pelos romanos. Era o único jeito de viver, depois que eu vi toda a minha família massacrada e esquartejada por eles. Somente me tornando um deles, para poder suportar tanta dor. Mas ontem eu fui libertado. Não se preocupe: Jesus já foi embora daqui, e todos sabem que foi uma ação dele. E foram os empregados de seu patrão que pediram para que Jesus fosse embora dali, porque estava fazendo mal a eles. Mas para mim ele fez o bem.

– Quão grande é nosso Deus que sempre se lembra de nós em nossa humilhação! E o que eu devo fazer agora?

– Minha missão é esta: dizer a você que volte. Não importa o que você fez de errado. Há sempre esperança para quem confia em Deus. Ontem à noite, eu vi que havia estrelas no céu e que das montanhas soprava um vento suave. Pode ser um sinal de que os tempos messiânicos estejam próximos.

## 8 De volta à casa do pai

.....

Esta vida é mesmo feita de encontros e desencontros! O encontro com esse jovem totalmente mudado, curado a partir de um encontro que teve com o Mestre, marcou também a minha vida. Foi nesse dia que parei para pensar melhor. Foi nesse dia que decidi voltar e reencontrar meu pai. Mas como eu iria voltar? O que eu iria dizer? Já não poderia mais ser tratado como um filho.

Bem, voltaria. Iria até meu pai e pediria perdão do meu erro. Eu explicaria todas as minhas aventuras. Não pediria para ser tratado como um filho. Bastava que meu pai tivesse compaixão de mim e que me tratasse como um dos seus empregados. Eu trabalharia como um deles, mas pelo menos teria o pão de cada dia com que me alimentar.

E parti em caminhada...

Foi duro chegar e, ao longe, contemplar o vale onde eu fui criado. Olhei para as montanhas. Quanta saudade! Como eu podia ter abandonado tudo aquilo? Andei mais um pouco e avistei a casa de meu pai. Como estaria meu velho pai? Iria me receber? Olhei melhor e vi que ele estava sentado na soleira da porta da casa. Percebi que ele me avistara, e veio em disparada ao meu encontro. Seus braços abertos me diziam que queria me acolher...

– Meu filho! Você voltou...

– Sim, pai... Mas tem uma coisa...

– Como você está? Meu Deus! O que aconteceu com você?

– É isso mesmo. Perdi tudo... Errei... Quero ser tratado como um dos empregados. Só isso!

– O quê? Você é meu filho... Você será sempre meu filho!

Meu pai pulava de alegria. Ergueu os olhos aos céus e louvou o Senhor:

– Meu filho voltou! Bendito seja o nosso Deus!

Em silêncio e abraçados, nos dirigimos até a casa. Mamãe me esperava e igualmente me acolheu. Vi que ela também ficou preocupada com o meu estado. Estava magro, trajando roupas sujas e feias; com certeza, trazia o fedor dos porcos...

– Errei... e não mereço ser tratado como filho.

– Festa! Vamos fazer uma festa! Uma grande festa!

Chamou um dos empregados e ordenou:

– Parem o trabalho por hoje. Mas peguem o novilho cevado e preparem a carne. Hoje é dia de festa para todos nós. Este nosso filho estava morto e voltou. Estava perdido e foi recuperado.

Chamou minha mãe:

– Débora, traga uma túnica. Pegue a melhor túnica, vamos vestir nosso filho. Pegue as sandálias. E traga o meu anel também!

Meu pai quis saber tudo o que me aconteceu. Não queria saber para poder me repreender, mas para conhecer minha história, para entender minha situação e para ser solidário comigo. Todo seu coração cheio de misericórdia se abria para me acolher. Talvez só agora eu podia compreender como eu tinha um pai tão bom.

Os gritos de júbilo pela festa foram ouvidos por meu irmão mais velho, que estava trabalhando meio longe. Este voltou



imediatamente, mas não se aproximou da casa. Chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo:

– É teu irmão que voltou!

– Aquele miserável que partiu? E voltou mais rico, com mais dinheiro? Voltou com mais juízo na cabeça?

– Acho que não. Sua aparência está horrível. Está magro, sujo e mal vestido. Nem parece teu irmão.

– Ah! É assim? Um vagabundo... Enquanto nós ficamos aqui trabalhando feito loucos, ele foi fazer festa, gastar o dinheiro do meu pai e agora tem coragem de voltar?

Meu irmão não veio para a festa. Voltou aos campos e com certeza não foi trabalhar. Seguramente ia gastar o dia refletindo, ia ver o que fazer. Eu sabia que, pela sua maneira de pensar, aquela casa se tornaria pequena para nós dois. Porém, eu também queria abraçá-lo, queria voltar a sentir-me irmão, queria pedir-lhe perdão. No entanto, seu coração estava bloqueado, e ele não queria participar da nossa festa.

Enquanto isso os servos já estavam preparando o novilho. Coitado do novilho, talvez ele é que tenha ficado triste com o meu retorno. Não era um novilho qualquer. Era “o” novilho. Desde pequeno fora criado com muito cuidado por Ananias e recebera o melhor alimento. Estava destinado para a grande festa. Eram dois. O novilho vermelho, que muitos haviam confundido com a “oitava novilha vermelha em Israel”, teve uma morte triste num dia de sábado. Seria o meu, ou este havia sido destinado ao meu irmão? Mas agora meu pai decidira que seria sacrificado para festejar a minha volta. Recuperar um filho perdido era o motivo para a maior festa que meu pai poderia dar.

Fui tomar um banho. A água que molhava meu corpo não

tirava somente a sujeira, tirava também o cheiro dos porcos, tirava o peso das minhas costas, tirava a dor que afligia meu coração... Enquanto estava vestindo roupas novas e limpas, sentia que estava voltando de verdade à casa de meu pai. Sentia aqueles braços que me apertaram e me acolheram. Voltei a ter dignidade, ser pessoa, ser filho... Meu pai me deu roupa nova, anel para pôr no dedo, sandálias para colocar nos pés e ainda me ofereceu uma festa. Porém, deu-me mais do que isto. Ofereceu-me o que mais eu precisava: deu-me amor. Naquele momento senti-me amado outra vez, senti a alegria de ser filho, de ter um lugar. E também senti que fui acolhido. Não foi porque estava mal vestido; não fui acolhido porque voltei humilhado e pedindo perdão; não fui acolhido porque queria ser simplesmente um empregado de meu pai... Fui acolhido porque eu era seu filho. Eu havia feito muitas coisas erradas; gastei o dinheiro que havia recebido; andei por caminhos errados; estraguei bons dias da minha vida. Mas continuava sempre sendo seu filho. Aquele homem que se levantou e veio correndo ao meu encontro era meu pai. Aqueles braços que me abraçaram eram os braços de meu pai. Aquele calor que eu senti continha o amor com o qual sempre fui amado e que arrisquei perder. Voltei para os braços que me geraram, voltei para casa.

Meu pai não cabia em si de tanto contentamento. E isso me fazia feliz também. No dia em que parti, eu tinha sido o motivo da sua tristeza. Agora o meu retorno era o motivo da sua alegria.

Porém, meu pai sentiu a ausência do filho mais velho. Agora era ele que partia, que se afastava da festa. E meu pai, então, se pôs à sua procura. Alcançou-o. Estava debaixo de uma árvore, a refletir.

– Por que você não vem para a festa, meu filho?

– Que festa, meu pai? Tudo isso me irrita, me dá raiva! Essa música e toda essa dança. Para quê? Não posso suportar isso.

– Mas é para seu irmão...

– E para mim? Nada? Eu trabalhei a vida toda para o senhor, meu pai. Eu obedeci sempre todas as suas ordens, cumpri todas as normas. Fui sempre fiel às nossas tradições, sigo todos os preceitos da nossa Lei<sup>30</sup>, jamais transgredi um dos mandamentos. Quando foi que fez uma festa para mim? Diga-me, meu pai, quando foi que matou ao menos um cabrito para festejar minha fidelidade ao senhor? Nunca pude fazer uma festa para meus amigos. Mas este seu filho, que desperdiçou o fruto do trabalho de nossas mãos, este seu filho...

– Este seu irmão...

– Não fale assim... É este, que ainda considera seu filho, que esbanjou tudo, que foi fazer festa enquanto nós trabalhávamos debaixo do sol forte. E a ele oferece nada menos que o novilho gordo! Ele, que devorou os seus bens com mulheres. Deveria ser apedrejado, ser morto segundo a nossa Lei<sup>31</sup>. A ele o senhor dá tudo, porém a mim não dá nada!

– Filho meu, você sempre esteve comigo, hoje você está aqui comigo e você estará sempre aqui comigo. Tudo o que é meu é seu. Mas hoje é diferente. Este meu filho, este seu irmão –

---

30 Um judeu observante segue 613 preceitos, baseados na Lei. Destes, 365 (número dos dias do ano) são em forma negativa: *Tu não farás...* e 248 (número dos ossos do nosso corpo) são em forma positiva: *Tu farás...* Para maiores informações e também para ver a lista completa dos 613 mandamentos, indico o livro de Ephraïm: *Jesus, judeu praticante*, p. 205-237.

31 Cf. Lv 20,10 e Dt 22,22-24.

ainda que não queira chamá-lo assim – este seu irmão voltou. Ele estava perdido e foi recuperado. Ele estava morto e voltou a viver.

Para a festa, vieram todos os nossos vizinhos e amigos, mas não veio meu irmão mais velho...

## 9 À beira do Lago de Genesaré

.....

Os dias transcorreram normalmente. Voltei a trabalhar. Meu pai parecia ter rejuvenescido alguns anos. Em todas as orações, louvava a Deus por ter-me recuperado; e sua felicidade era tanta que era comum vê-lo cantando pelos campos afora.

Retornar para casa. Voltar ao aconchego da família. Participar de uma bela festa. Ter onde dormir e o que comer. Estar longe dos porcos. Receber um abraço carinhoso... Tudo isso havia modificado a minha vida. Agora eu dava mais valor a tudo o que eu havia abandonado e jogado fora. Por isso, seguidamente reza-va o salmo de que eu mais gostava:

*Quando o Senhor reconduziu os exilados, parecíamos sonhar... Nossa boca se encheu de sorrisos... O Senhor foi grande conosco... Os que semeiam com lágrimas ceifam em meio a canções... Vão andando e chorando ao levar a semente. Ao regressar, voltam cantando, trazendo seus feixes<sup>32</sup>.*

Eu havia voltado... Havia feito também o meu êxodo, meu retorno. Meu caminho cheio de lágrimas e dor, graças à presença de nosso Deus, se havia transformado em alegria.

Mas nem tudo dentro de mim estava resolvido. E, por isso,

---

32 Cf. Salmo 126.

na semana seguinte parti para a beira do Lago de Genesaré. A princípio, andava bastante inseguro, sem saber onde pisar, por onde começar. Eu queria encontrar Jesus de Nazaré, aquele que havia curado o homem do cemitério. Não queria sair por aí perguntando por ele. Sabia que a qualquer momento encontraria um sinal seu, se de fato ele estivesse por estes lados.

Não demorou muito, e vi um homem que vinha subindo. Caminhava sereno e feliz, creio que cantava ou recitava algum salmo. Olhei para seu rosto e quase levei um susto:

– Mas você não é Samuel, o filho de Abdias?

– Certo que sou eu. Por quê? Não me reconhece mais?

– Mas... Soube que você estava doente, que tinha ficado paralítico.

– Você não está sabendo? Por onde você andou? A notícia é conhecida por toda a região.

– Que notícia? Eu estou voltando, estive longe...

– Fui curado. Não ouviu falar de Jesus de Nazaré, aquele que dizem ser o Messias?

– Não... Ou melhor, sim, ouvi falar dele... Claro, claro... Estou mesmo à sua procura. Foi ele que curou você?

– Sim, foi ele. O Mestre estava ensinando numa casa<sup>33</sup>. Eu sabia que só ele poderia me curar. Meu pai conseguiu a ajuda de quatro homens, e me levaram até ele. Nem lhe conto o sofrimento! Tiveram que me fazer descer pelo teto. No momento em que ele olhou nos meus olhos e viu a fé de todos os que me carregavam, teve compaixão de mim, e imediatamente fui curado.

---

33 Cf. Lc 5,17-26.

– Mas o que é que ele faz? O que é que ele fala?

– Anuncia o Reino esperado. Suas palavras são palavras vindas de Deus, são consolo para o momento presente, são esperança para o futuro.

– Ensina como os escribas?

– Seu ensinamento é por meio de parábolas, fala das coisas da nossa vida. Qualquer um pode entender sua mensagem. Ele anuncia a chegada do Reino de Deus.

– Diga-me, por favor, ao menos uma frase sua ou uma palavra que saiu da sua boca...

– Há poucos dias, fomos informados que ele havia subido ao monte para rezar e por isso nos postamos ali ao pé da montanha. Quando desceu, percebemos seu rosto cheio de paz e harmonia. Queríamos ouvir uma palavra, um anúncio, enfim algo que nos trouxesse ânimo e coragem para viver.

– E o que foi que ele respondeu?

– Disse-nos:

*Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence. Felizes de vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes de vocês que agora choram, porque hão de rir. Felizes de vocês se os homens os odeiam, se os expulsam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês, por causa do Filho do Homem. Alegrem-se nesse dia, pulem de alegria, pois será grande a recompensa de vocês no céu, porque era assim que os antepassados deles tratavam os profetas.<sup>34</sup>*

---

34 Cf. Lc 6,20-23. No Evangelho de Mateus, as Bem-aventuranças são oito e são um pouco diferentes daquelas de Lucas, cf. Mt 5,3-12.

– Que palavras bonitas!... Estou comovido. Vejo em seu rosto que você está feliz. Ele deve mesmo ser o Messias, aquele que deve trazer esperança para o povo neste tempo de dor e sofrimento. Mas foi só isso que ele falou?

– Não, meu irmão. Logo em seguida, o rosto dele se tornou mais sombrio. E, com a mesma voz, disse também palavras proféticas e ensinou:

*Mas, ai de vocês, os ricos, porque já têm a sua consolação! Ai de vocês que agora têm fartura, porque vão passar fome! Ai de vocês que agora riem, porque vão ficar aflitos e irão chorar! Ai de vocês, se todos os elogiam, porque era assim que os antepassados deles tratavam os falsos profetas<sup>35</sup>.*

– Ele está mesmo invertendo a ordem das coisas...

– Sim, fala das coisas de Deus, como o Pai do Céu vê o mundo. Eu e meu irmão repetimos sempre estas palavras e aos poucos já as sabemos todas de cor.

– Há tempos que os céus se fecharam e não vieram mais profetas<sup>36</sup>. Deus deve ter-se recordado de nós outra vez.

– Sim, eu tenho certeza de que ele é um enviado de Deus.

– Pelo amor de nosso Deus, eu peço a você mais uma coisa importante; diga-me: onde é que ele mora?

– Ele não tem morada, não tem onde reclinar a cabeça. Sua morada é o mundo e por isso vai a todos os lugares e aldeias

---

35 Cf. Lc 6,24-27. No Evangelho de Mateus, a série dos *Ai de vós...* não vem em seguida às Bem-aventuranças, mas está em Mt 23.

36 Havia esta crença em Israel de que “os céus se haviam fechado” (Cf. Ml 3,10) e um dos últimos salmos a ser escrito dizia que “não existem mais profetas” (Cf. Sl 74,9).



anunciando a Boa Notícia da parte de Deus. Ele ensina como quem tem autoridade. Fala-nos das coisas de Deus de forma simples, contando parábolas e pequenas histórias de modo que até os mais simples entendem a sua mensagem.

– Mas, de que família ele é? Quem são seus pais?

– Ele é considerado o filho do carpinteiro Josef, que era de Belém e veio trabalhar aqui no norte quando Herodes construiu a represa e precisava de mão-de-obra. O carpinteiro, como se sabe, faleceu há alguns anos, e ele continuou na casa de sua mãe, que se chama Maria. Uma bela mulher e muito respeitada, porque teme o Senhor. Ambos são da tribo de Judá, da descendência de Davi. Porém, algumas mulheres nos deram notícias de que o nascimento dele foi algo de sobrenatural. Não sabemos ainda bem, dizem que foi obra do Espírito Santo...

– De fato, tudo é muito misterioso. E que idade ele tem?

– Cerca de trinta anos.

– Mas, então, já mora na região há tempo. O que fez antes?

– Nada de importante. Preparou-se para a missão. Viveu como qualquer jovem judeu da sua idade. Estudava as Escrituras, ia seguidamente às montanhas para rezar, mas também ia ao deserto. Conta-se que conviveu um certo tempo com os essênios nas montanhas de Qumran.

– Estranho que não tenha se manifestado antes...

– As profecias, meu irmão! Não diziam os nossos mestres que o Messias iria ficar oculto, vivendo no meio do povo, e só se manifestar no tempo oportuno? Foi isso que aconteceu. Viveu no meio de nós, e não sabíamos quem era. Depois surgiu o profeta João Batista, pregando no deserto e batizando no rio Jordão, e

muitos acreditavam que era ele o Messias, porém o Batista deixou claro: não era ele o Ungido, mas estava apenas preparando o caminho, conforme anunciara o profeta Malaquias<sup>37</sup>.

– Mas, onde é que eu posso encontrá-lo agora?

– Agora ele subiu a Jerusalém. Foi para a Cidade Santa anunciar lá também a sua mensagem. Partiu há alguns dias com os seus discípulos. Esperamos que retorne depois da Festa da Páscoa.

Fiquei um pouco frustrado por não poder encontrá-lo, mas, de outro lado, as notícias que eu havia recebido eram mais do que eu esperava saber. Já não era somente o homem do cemitério que confirmava, mas também meu amigo Samuel. E, repetindo as palavras do Mestre, tomei o caminho de volta para casa.

*Felizes os que têm fome...* Meu Deus, o que é a fome? Eu sei, eu senti a fome. E foi a fome que me levou de volta a meu Deus, de volta à casa de meu pai! O mundo que produz tanto alimento passa fome, porque não há partilha. Quantas pessoas gostariam de ouvir esta palavra!

*Felizes...* Então o mundo que Deus quer para nós é um mundo de felicidade e não de sacrifícios e de dor...

Comecei a caminhar... Estava voltando... Ia buscando... Mas, de repente, um pensamento me perturbou. Olhei para o chão e busquei passos, sinais. Sim, ele passou por aqui! Não via as suas pegadas no chão, mas eu sentia. Sim, havia algo estranho e bonito no ar que eu respirava! Sim, era possível sentir. Por aqui passou o Messias! E este caminho que eu percorri tantas vezes não era

---

37 Cf. Ml 3,23-24

mais o mesmo caminho. Eu olhava ao redor e via flores nos campos, elas perfumavam mais do que antes. Eu olhava para as árvores. Eu escutava os passarinhos que cantavam. Eu sentia o vento que soprava. Eu recebia o calor e a energia do sol... Não, este caminho não era mais o mesmo. Este caminho era agora o caminho por onde passou o Mestre. Por isso, era diferente. Mas todos os caminhos deviam se tornar mais belos e perfumados quando se caminhava com a certeza de que por eles passou o Senhor.

## 10 Páscoa: “passagem”

.....

No dia seguinte, meu irmão mais velho veio conversar com meu pai:

– A Páscoa se aproxima, e subirei a Jerusalém para a festa.

– Nós a celebraremos por aqui mesmo. Vá em paz, meu filho, que o Senhor o acompanhe e o proteja!

De longe, eu acompanhava aquela cena. Meu pai abraçava o filho que partia. O mesmo amor que eu senti ao retornar, agora era dado também ao filho mais velho que ia ao Templo cumprir suas obrigações.

– Talvez eu não volte mais, meu pai.

– Como assim?

– Em Jerusalém vou procurar os mestres da Lei. Penso em entrar na Escola de Gamaliel e tornar-me fariseu. Os tempos messiânicos estão chegando. É preciso cumprir toda a Lei, só assim o Messias virá.

E lá estava o mesmo abraço, o mesmo amor, o mesmo carinho de pai que ama sempre e em todas as circunstâncias. Agora era o outro filho que partia. Meu pai fez questão de que alguns dos nossos servos fossem junto. Os caminhos que levavam a Jerusalém não eram mais assim tão seguros. E os assaltantes

aproveitavam-se para roubar os pobres peregrinos que subiam à Cidade Santa, porque sabiam que levavam ofertas.

Celebramos a Páscoa em nossa casa. A Festa da Páscoa era muito importante para nós, como para qualquer família hebraica e, por isso, a celebração era cheia de vida. Para meu pai, havia ainda uma razão a mais: a minha volta era para ele causa de alegria, um motivo a mais para festejar. No entanto, dentro de mim também havia o desejo de celebrar. A Páscoa era a recordação da passagem da escravidão para a Terra Prometida. Era a lembrança do êxodo.

Eu também havia feito o meu êxodo, havia enfrentado o “mar”, havia comido o pão que o diabo amassou. Porém, assim como o Senhor nosso Deus havia estado com o nosso povo, Ele também havia me acompanhado. Eu havia caído no mais fundo do poço, nem por isso estava sozinho. No momento propício, lá estava a mão de Deus me guiando e me conduzindo “à minha Terra Prometida”.

Na primeira noite da festa, comemos as ervas amargas e lembramos a dureza dos trabalhos no Egito e como os nossos opressores tornaram amarga a nossa vida com os trabalhos forçados. Comemos então o pão ázimo, sem fermento, abençoado por Deus. Depois servimos os quatro copos de vinho. Em seguida, foram servidos o cordeiro assado e as saladas acompanhadas com água e sal que lembravam as lágrimas derramadas pelo nosso povo durante a escravidão, lágrimas que também se haviam transformado em redenção. Meu pai leu os textos bíblicos e, como em todos os anos, lembrou que esta noite era uma noite diferente das demais. Recordamos que um dia nós fomos escravos no Egito,

e lá o Senhor ouviu os nossos gritos, viu a nossa opressão e se lembrou de nós<sup>38</sup>. E nosso Deus agiu com mão forte, desceu para nos libertar e conduzir para uma nova terra.

Esta era a Festa das Festas. Ela conseguia trazer-nos esperança. Fazia com que olhássemos para o passado para entender o presente e para alimentar a esperança. Esperança num futuro que estava para vir. Mesmo nos dias de trabalho, parecia que a esperança já não existia. Mas nesta noite a esperança voltava, e dentro de nós se criava um clima de paz e de certeza de que o nosso Deus continuava se lembrando de nós e caminhando ao nosso lado.

Um dos copos de vinho era oferecido ao profeta Elias. Havia até uma cadeira vazia onde nós acreditávamos que o profeta estivesse sentado, presente. O retorno de Elias era o sinal iminente da vinda do Messias. Eu olhava para a cadeira e pensava:

– Elias está ali...

Sim, devia estar, porque, dentro de mim, eu sentia que o Messias já tinha vindo ao mundo. E então falei a meu pai do homem do cemitério, de Samuel, que fora curado e que a minha volta era um milagre do Messias! Os olhos de meu pai se encheram de lágrimas, e, abraçados, fomos aos nossos leitos para dormir.

---

38 Cf. Ex 3,7-10; Dt 26,5-8; Ex 12.

## 11 A caminho de Jerusalém

.....

No sábado de manhã, montados em seus animais, retornaram os servos que haviam acompanhado meu irmão a Jerusalém. Logo deram a notícia a meu pai de que meu irmão mais velho havia ficado mesmo por lá.

Quando meu pai se afastou, aproximei-me deles, pois eu também queria ter notícias de Jerusalém.

– Por acaso, vocês ouviram falar de Jesus de Nazaré, lá em Jerusalém?

– Como não podíamos ter ouvido falar dele?

– Encontraram com ele? Vocês o viram? Ouviram a sua voz?

– Não o vimos... Mas ouvimos contar os fatos que aconteceram. Tristes fatos...

– Quais fatos?

– Ele foi ensinar no Templo. Nossas autoridades não gostaram do seu ensinamento. Houve conflitos. Ele acabou sendo entregue a Pilatos que o condenou. E os romanos o crucificaram à beira do caminho...

– Crucificaram?

– Sim, havia muita esperança nele, porém seu fim foi como o de um subversivo qualquer.

– Mas e o povo?... O que dizia dele?

– Quando ele entrou na cidade, o povo o aclamou... Foi muito bonito. As pessoas carregavam palmas nas mãos. Era o povo pobre, eram os peregrinos. Mas diante do Sinédrio e de Pilatos, um outro povo gritou e pediu a sua morte<sup>39</sup>.

Estas notícias foram como que um punhal cravado em meu peito. Corri para o meu quarto. Não conseguia acreditar. Ele fora crucificado, pregado em uma cruz. Então ele não podia ser o Messias de Deus! A Escritura fala que um homem que é suspenso no madeiro é um maldito de Deus!<sup>40</sup>.

Dentro de mim reinava uma total confusão, medo, dor, angústia, tristeza, decepção... De outro lado, como pode ter sido crucificado? A cruz era o pior castigo que os romanos poderiam infligir a alguém. Era o máximo do sofrimento e da humilhação. Recordei que, quando estive em Jerusalém, vi pessoas penduradas nas cruzes à beira do caminho, expostas ao sol. O sofrimento delas era terrível. Diante daqueles corpos abandonados e desfigurados, pedi ao meu Deus que me livrasse de uma morte assim. Os romanos aplicavam tal pena aos ladrões, aos criminosos e aos subversivos. Jesus não havia roubado de ninguém. Não havia matado ninguém. Então as nossas autoridades devem tê-lo denunciado como um agitador. Os

---

39 É comum fazer confusão entre as duas multidões. Uma é a multidão que acolheu Jesus com palmas e o acompanhou ao entrar em Jerusalém (o que nós celebramos no Domingo de Ramos). As autoridades judaicas tinham medo dessa multidão (cf. Lc 20,19; 22,2). Diferente é a multidão que gritou “Crucifica-o! Crucifica-o!” (na Sexta-Feira Santa). Estas eram as pessoas que podiam entrar no Sinédrio e estar diante de Pilatos. Segundo Jo 19,6 eram “os chefes dos sacerdotes e os guardas”, ou seja, eram os funcionários do Templo e que se beneficiavam da exploração que aí acontecia.

40 Conforme está escrito no Livro do Deuteronômio 21,22-23.



romanos não gostavam nem um pouco de alguém que estivesse ensinando e ajudando o povo. Era isso então...

Mas, e Deus? Como poderia então Deus ter deixado o Messias morrer assim? As profecias diziam que o Messias não morreria.

Será que ele havia previsto alguma coisa, falado com alguém? Impossível! Toda essa esperança que eu vira no rosto das pessoas, que estiveram com ele, desaparecer assim, num piscar de olhos!?...

Orei ao meu Deus, pedindo que Ele me desse luzes, que me ajudasse a entender. No momento, busquei alguma passagem bíblica que me pudesse ajudar a entender. Lembrei que Samuel me dizia que ele também agia e falava como profeta. Sim, o profeta Isaías<sup>41</sup> também fala que o Servo do Senhor (YHWH) iria sofrer muito, ser ultrajado. Era isso!

Corri ao meu pai e disse a ele que estava indo a Jerusalém.

– Mas por que assim, sem ao menos preparar a viagem? O que foi que aconteceu?

– Os servos retornaram dizendo que Jesus de Nazaré foi crucificado em Jerusalém. Vou para lá imediatamente. Não se preocupe, meu pai, eu voltarei.

Selei um animal. Iria com ele até quando ele suportasse, depois o deixaria em algum lugar e seguiria a pé. Peguei também um cantil com água e um pão para a viagem. Decidi tomar o caminho da Cisjordânia que era o mais curto. Não importava a

---

41 Sobretudo nos quatro cânticos do Servo Sofredor: Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12.

distância. Eu tinha pressa. Tinha experiência, pois conhecia bem essa rota. Mas saí com o coração partido.

Já era noite avançada, havia lua cheia no céu, e eu estava chegando a um vilarejo chamado Emaús, distante onze quilômetros da Cidade Santa. Senti fome e sede. Não tinha mais água nem pão. Porém, não estava decidido a dormir por ali. Iria ainda até Jerusalém. O pequeno vilarejo dormia em paz. Era certo que nesta hora da noite não encontraria mais ninguém disposto a atender-me. Porém, vi que em uma pequena casa havia sinal de luz e pessoas acordadas. Por bem ou por necessidade, resolvi chegar:

– Um pouco de água, pelo amor de Deus!

O casal que me atendeu parecia ter pressa, mas foram bondosos comigo.

– Podemos servi-lo em mais alguma coisa? Desculpe, é que estamos de partida.

– Se tiverem um pão, o Senhor os abençoará!

Encheram meu cantil de água e me deram um pão. Estranho que estivessem partindo àquela hora da noite. Eu também estava, mas eu tinha lá meus motivos particulares para estar a caminho.

– Para onde estão indo, se não se importam com a pergunta?

– Estamos retornando a Jerusalém.

– Também estou indo para lá. Sou um servo de Deus. Posso fazer companhia? Juntos podemos até andar mais seguros.

Deixei lá meu animal, e partimos. Porém, vi que seus olhos não estavam como os meus. Seu coração não tinha as mesmas preocupações que as minhas. Havia alegria e uma esperança nunca vistas. Falavam de algumas coisas estranhas e que, ao mesmo tempo, me pareciam conhecidas. Até que o homem resolveu perguntar:

– Você parece cansado, triste... Deve ter um motivo importante para estar indo assim tão apressado a Jerusalém? Alguma doença?

– Vejo que vocês são de confiança e por isso posso falar. Venho do norte. Apareceu por lá um homem que se chamava Jesus de Nazaré. Eu não o conheci, mas ele me fez muito bem. Em toda a região, falou de Deus, anunciou o Reino prometido pelos profetas, e falou da Boa Notícia de Deus.

– Fale mais sobre ele. Isso nos interessa muito.

– No entanto, quando fui encontrá-lo, soube que tinha vindo à Cidade Santa. Fiquei esperando pelo seu regresso. Mas o que eu recebi foi a notícia de que as nossas autoridades o entregaram a Pilatos, e este o mandou crucificar.

– O que mais você soube?

– Que acabou pendurado em um madeiro, como um maldito de Deus. Deve estar morto. E, se for assim, morre dentro de mim toda a esperança.

Os dois caminhantes<sup>42</sup>, que iam seguindo com muita pressa, imediatamente pararam. Suas mãos se levantaram para o céu, o reflexo da lua cheia em seus rostos era impressionante.

– Irmão, você está na mesma caminhada nossa! A paz esteja com você, meu irmão! Fique alegre, porque podemos lhe dar uma boa notícia: Jesus de Nazaré está Vivo! Deus o ressuscitou! Aleluia!

---

42 Cf. Lc 24,13-35. Alguns estudiosos afirmam que os caminhantes de Emaús eram de fato um casal. Só um deles, *Cléofas*, é quem fala (o homem?). Eles chegam a uma casa: o provável é que morassem ali e, portanto, fossem um casal. No Evangelho de João (19,25), aparece uma Maria que é mulher de *Cléofas* ou *Clofas* (seria o mesmo?).

– Como podem dizer uma coisa dessas? Como podem ter essa certeza? – perguntei eu, meio incrédulo e ao mesmo tempo com uma grande alegria, que começava a contagiar toda a minha vida.

– Nós também estávamos tristes e decepcionados! Nós fugimos de Jerusalém com medo. Mas, no caminho, Ele fez experiência conosco. No princípio, nós não o reconhecemos, mas sentimos o nosso coração arder quando ele nos explicou as Escrituras. Depois Ele entrou na nossa casa e partiu o pão conosco. Então nossos olhos se abriram, e Jesus de Nazaré se deu a conhecer.

– Mas aonde ele foi agora? Por que não está aqui?

– Ele desapareceu, porque entrou dentro de nós. Ele está vivo! E estamos voltando para anunciar a todos que Jesus vive! Vamos mais depressa. Temos que chegar a Jerusalém e anunciar a todos esta Boa Notícia. Lá estão reunidos os seus discípulos, juntamente com sua mãe.

Eu estava agora percorrendo o mesmo caminho por onde o Senhor havia caminhado com eles! Em vão buscava sinais dos seus passos. Mas eu podia respirar e sentir que Ele havia passado por aquele caminho, embora no sentido inverso daquele que nós fazíamos agora. O casal estava radiante e repetindo para mim as palavras que Ele havia dito no caminho, quais os textos das Escrituras que Jesus havia citado para poder “esquentar-lhes” o coração.

Assim, cada vez mais, eu ia compreendendo o que havia acontecido. Eles recordavam sua presença, suas palavras. E lembraram também como na caminhada Jesus de Nazaré havia recordado o programa do seu projeto inicial:

*– O Espírito do Senhor está sobre mim,  
pois ele me consagrou pela unção  
para evangelizar os pobres,*

*enviou-me para proclamar a libertação dos presos,  
e aos cegos a recuperação da vista,  
para restituir a liberdade aos oprimidos  
e para anunciar um ano de graça do Senhor!*<sup>43</sup>

– De fato, é um bom projeto, baseado nas Escrituras e naquilo que anunciaram os nossos profetas.

– Era a este seu projeto que ele chamava o “Reino de Deus”. Portanto, o Reino esperado chegou!

Entramos na cidade... Eles me disseram:

– Daqui nós partimos com medo. Partimos tristes e sem esperança. Partimos vendo todo o nosso sonho morrer. E eis que agora voltamos! Já sem medo, sem temer a perseguição. É bom retornar.

– Sim, é sempre bom voltar. Eu sei bem disso. Eu também um dia voltei para a casa do meu pai.

Chegamos e ali encontramos a porta aberta. A mesma sala que se havia fechado com medo da perseguição agora estava de portas abertas, e ali estava toda comunidade.

– *Shalôm!*

– *Shalôm!* – responderam eles.

Os discípulos, juntamente com Maria, a mãe, estavam reunidos para recordar os fatos que aconteceram. Pedro falava da aparição e da missão recebida. Os dois que voltaram comigo contaram sua experiência pelo caminho e como o reconheceram na partilha do pão.

---

43 Cf. Lc 4,18-19. O Projeto de Jesus é baseado nos textos do profeta Isaías 61,1-2; 58,6; 42,7; 35,5 e do Livro do Levítico 25 (O ano jubilar).

Só então me dei conta que aí estava Bartolomeu, meu amigo e companheiro.

– Você aqui?

– Certo, caminhei com Ele. Fui chamado para ser um dos seus doze apóstolos. Procurei por você, pois queria que viesse a fazer parte do nosso grupo. Porém, sabíamos que você tinha ido embora.

– Sim, havia partido pelo mundo afora, mas agora voltei.

Abraçamo-nos e desejamos o *Shalôm*. Então eu poderia ter sido um dos discípulos dele! Poderia ter ouvido suas palavras, escutado seus ensinamentos. Pouco importava chorar pelo que passou, o importante era que agora eu estava encontrando o caminho certo, que agora eu seguia seus passos, suas pegadas. O importante é que dentro de mim podia testemunhar que o Messias chegara e que o mundo não era mais o mesmo.

Pedro, o chefe do grupo dos doze, tomou a palavra e nos convidou para que nos colocássemos em círculo. Recordou que, um dia, vendo Jesus rezar, um discípulo pediu que Ele lhes ensinasse a rezar também. De mãos dadas, rezamos como no dia em que Jesus ensinara a eles:

– *Pai, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Dá-nos a cada dia o pão de amanhã. Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação!*<sup>44</sup>

---

44 Esta é a versão do Pai-Nosso do Evangelho de Lucas. Temos outra versão no Evangelho de Mateus 6,9-13. A estrutura e o conteúdo são basicamente os mesmos. A maneira como nós rezamos hoje o Pai-Nosso é uma fórmula litúrgica mais próxima daquela de Mateus. A versão de Lucas é mais breve, menos conhecida, mas provavelmente mais próxima das palavras originais de Jesus.

Aquelas frases murmuradas em silêncio e com devoção penetraram dentro do nosso coração. Fizemos silêncio, e, pouco a pouco, cada um de nós ia repetindo uma daquelas palavras. Comecei a passar os olhos pelos presentes. Eu via que suas feições estavam encorajadas. A morte, a cruz e o sofrimento de Jesus trouxeram o desânimo, a dor e o medo. A certeza da ressurreição trouxe a esperança, trouxe vida nova. E esta Boa Notícia da parte de Deus deveria ser anunciada em todo o mundo. Jesus de Nazaré foi crucificado, mas – segundo as Escrituras – Deus o ressuscitou no terceiro dia. Nosso Deus era o Deus *Go'el*, o Deus vingador e libertador que fez caminhada com nosso povo. Quando o povo era escravo no Egito, Ele o libertou. Quando o povo foi exilado na Babilônia, Ele o resgatou e reconduziu à Terra Prometida. Agora que mataram seu Filho, Ele o ressuscitou. O Messias estava vivo e cumpria as profecias. Ele ressuscitou para permanecer vivo no meio de nós para sempre.

## 12 Partindo outra vez

.....

Desta vez, meu pai fez questão de me ver partir. Acordamos cedo. Eu não estava levando dinheiro nem muita bagagem. Somente o necessário.

– Vou fazer algo bom! Finalmente posso ir fazer alguma coisa de que eu gosto!

– O Senhor o abençoe e o guarde!

– Reze por mim, meu pai!

– Que o Senhor esteja com vocês!

– Tenho certeza de que o Senhor nos acompanhará... Aliás, meu pai, gostaria de lhe dizer uma coisa...

– Fale, meu filho...

– Depois de todas as minhas aventuras na vida e destes anos de alegrias e sofrimentos, restam-me duas certezas.

– Quais são?

– Uma é que Deus não nos tira os problemas. Eles vão surgindo e acontecendo na nossa vida de acordo com aquilo que nós fizemos e merecemos.

– Meio estranho...

– Mas tenho também outra certeza maior. Aconteça o que acontecer. Para quem coloca em Deus sua esperança e sua confiança, uma coisa é certa: Deus está sempre presente, é sempre



companhia, está constantemente caminhando ao nosso lado. Não importam os perigos, as dificuldades ou o fundo do poço em que podemos cair. Ao nosso lado, como escudo e proteção, está Deus, que nos guia e nos acompanha!

– Tenho certeza de que o Santo – bendito seja! – os acompanhará e cuidará de vocês.

– Meu pai...

– Fale, meu filho!

– Ainda tenho direito a algum bem?

– Certo que sim, meu filho. Tudo o que é meu é seu. E por que a pergunta?

– Porque esta será a última vez que lhe vou pedir algo...

– Peça, meu filho.

– Quero que resgate a moça da casa onde perdi meu dinheiro. Se ela não tiver um lugar para onde ir, quero que seja acolhida como uma de suas servas. Mas peço que nunca saiba que fui eu que fiz isso.

– Será feito como você quer.

– Obrigado, meu pai, – e abracei meu velho pai, sentindo o seu carinho e todo o amor que ele também sentia por mim.

Vieram encontrar-me os outros irmãos que iriam comigo. Logo ia começar a nossa missão. Iríamos para terras distantes anunciar a Boa Nova, levar a mensagem de Jesus. E isto nos enchia de entusiasmo. Nem podíamos imaginar o que nos esperava. Mas, neste momento, o mais importante era que estávamos nos colocando a caminho.

O mesmo Espírito Santo que havia ungido Nosso Senhor agora também nos acompanhava. Sentíamos-nos conduzidos por

essa força que nos dava coragem e a certeza de que não andaríamos sozinhos. Nada, nada mesmo nos podia separar do amor de Cristo que sentíamos dentro de nós e que queríamos levar a todos os confins do mundo...



## Referências

---

- BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 1990.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM E EDIÇÃO PASTORAL. *Texto, introduções e notas de rodapé*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BERGANT, D.; KARRIS, R. B. *Comentário Bíblico. Evangelhos e Atos, Cartas e Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1999).
- BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João*. O Caminho da vida. São Paulo: São Paulo, 1994.
- CRB. *Coleção Tua Palavra é Vida*. São Paulo: Loyola, 2000.
- EPHRAÏM. *Jesus, judeu praticante*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LANCELLOTTI, A.; BOCALLI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2002.
- MORACHO, F. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ROTHSCHILD, W. L. *99 domande sull'ebraismo*. Milano: Gribaudi, 2004.
- SOLA, P. *Piccolo Dizionario dell'ebraismo*. Milano: Gribaudi, 1995.
- STORNIOLO, I. *Como ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1992.
- VAUX, R. de. *Instituições de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

Este é um pequeno conto que tem por fio condutor a passagem conhecida como o Filho Pródigo e outros textos do Evangelho de Lucas. O texto de Lucas 15,11-32 é com certeza a mais famosa das parábolas de Jesus e, historicamente, recebeu o título de “filho pródigo”. Hoje, porém, tal título é considerado bastante impróprio, pois o ponto central é a prodigalidade do pai amoroso e não o desperdício de bens pelo filho mais novo. Portanto, é o pai acolhedor e bondoso que é pródigo, e não o filho esbanjador.

ISBN 978-65-86578-15-7



**OIKOS**  
EDITORA

The logo for Oikos Editora features the word "OIKOS" in a bold, blue, sans-serif font. Above the letters "I" and "O" are stylized blue arrows pointing upwards. Below "OIKOS" is the word "EDITORA" in a smaller, blue, sans-serif font.